

PERSISTÊNCIA DA FADIGA E DISPNEIA APÓS 30 DIAS DA INFECÇÃO POR SARS-COV-2.¹

Lucas Maiola Astolfo², Isabela Monteiro da Silva³, Celita Salmaso Trelha⁴, Larissa Laskovski Dal Molin⁵, Michelle Moreira Abujamra Fillis⁶, Josiane Marques Felcar⁷

¹ Pesquisa Institucional desenvolvida no Grupo de Pesquisa Avaliação Pós-COVID, Departamento de Fisioterapia da Universidade Estadual de Londrina e Secretaria Municipal de Saúde de Londrina.

² Aluno do Curso de Graduação em Fisioterapia da UEL, lucas.maiola.astolfo@uel.br - Londrina/PR/Brasil.

³ Aluna do Curso de Graduação em Fisioterapia da UEL, isabela.monteiro@uel.br - Londrina/PR/Brasil.

⁴ Professora, Doutora em Ciências da Saúde, Curso de Fisioterapia (UEL), celita@uel.br - Londrina/PR/Brasil.

⁵ Professora, Doutora em Ciências da Saúde, Curso de Fisioterapia (UEL), larissal@uel.br - Londrina/PR/Brasil.

⁶ Fisioterapeuta, Doutora em Saúde Coletiva, Prefeitura Municipal de Londrina, micmoreira@gmail.com - Londrina/PR/Brasil.

⁷ Professora orientadora, Doutora em Ciências da Saúde, Curso de Fisioterapia (UEL), josianefelcar@uel.br - Londrina/PR/Brasil.

Introdução: A doença causada pela infecção do SARS-Cov-2 começou a manifestar-se como uma epidemia mal controlada em novembro de 2019 na China e desde então, espalhou-se pelo mundo todo, tornando a COVID-19 uma nova pandemia. No Brasil, o primeiro caso foi constatado no começo de 2020 e em seguida se alastrou por todo o país. Sabe-se que a COVID-19 pode apresentar sintomas muito variados, destacando-se: fadiga, dispneia, febre, dor de garganta, perda de olfato e paladar. Entretanto, por se tratar de uma nova doença há poucas informações sobre seus sintomas e principalmente sobre sua persistência, possíveis agravamentos e sequelas. A fadiga e a dispneia são os sintomas mais incapacitantes, interferindo diretamente nas atividades de vida diária, o que justifica estudos com a finalidade de identificar os sintomas mais prevalentes, sua duração e sequelas, o que poderá contribuir para o tratamento pós-COVID-19. **Objetivo:** Investigar os sintomas de dispneia e fadiga da COVID-19, bem como sua duração e persistência após 30 dias em indivíduos infectados e notificados de uma cidade no sul do Brasil. **Metodologia:** Foi realizado estudo transversal e a população foi composta por indivíduos maiores de 18 anos, de ambos os sexos, que tiveram diagnóstico de infecção por SARS-Cov-2 no município de Londrina-PR, Brasil, o mesmo foi devidamente aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Instituição sob CAAE 36782620.0.0000.5231. Os dados sociodemográficos foram fornecidos pela Secretaria Municipal de Saúde de Londrina e incluíam: telefone, data de nascimento, idade, sexo, escolaridade e data do diagnóstico. Após um mês do diagnóstico do paciente foi enviado um questionário (Google Forms) via WhatsApp comercial, e-mail ou contato telefônico. O questionário contém uma pergunta sobre os sintomas durante a doença. Para avaliar a

fadiga, após um mês, foi aplicada a Escala de Severidade de Fadiga (FSS) que é composta de nove questões com pontuação de um a sete cuja soma irá de nove a 63. Pontuação igual ou maior que 28 é indicativa de fadiga. A Escala de Borg modificada avaliou a dispneia, esta escala vai de 0 a 10 e quanto maior o valor maior a dispneia. A análise estatística foi feita por meio dos softwares Microsoft Excel 2010 (Microsoft, EUA) e SPSS versão 23 (IBM, EUA). Para analisar a normalidade na distribuição das variáveis numéricas foi utilizado o teste de Shapiro-Wilk. Os dados foram descritos como mediana [intervalo interquartilico 25-75], pois apresentaram distribuição não-normal. As variáveis categóricas foram apresentadas por meio de frequência absoluta e relativa. E as comparações entre a data do diagnóstico e após 30 dias foram feitas por meio do teste de McNemar. A significância estatística foi estipulada em 5%. **Resultados:** A amostra foi constituída por 1.020 indivíduos, cuja mediana de idade foi 34 [26-44] anos e a maioria era do sexo feminino 668 (65,5%). Sobre a escolaridade dos participantes envolvidos na pesquisa, 84,8% possuem ensino médio completo, superior ou pós-graduação. Na data do diagnóstico 642 (62,9%) pacientes apresentaram fadiga e após 30 dias 582 (57,1%) indivíduos mantinham fadiga avaliados por meio da escala FSS, cuja mediana foi de 33 [16-49] pontos. Esta redução na fadiga foi estatisticamente significativa ($P=0,001$). Quanto à dispneia, 294 (28,8%) indivíduos relataram dispneia quando confirmaram a doença e após 30 dias, avaliados pela escala de Borg, 356 (34,9%) referiram dispneia, entretanto era muito, muito leve, com mediana de 0 [0-0,5]. **Conclusão:** Os indivíduos que tiveram COVID-19 eram jovens, com boa escolaridade e a maioria apresentava fadiga ao diagnóstico que um mês após ainda mostrou-se prevalente. A dispneia foi referida após 30 dias por mais pacientes do que no diagnóstico, entretanto, neste momento, foi muito, muito leve.

Palavras-chave: avaliação de sintomas; COVID-19; falta de ar; lassitude; limitação de atividades diárias.